

Bakhtin e as primeiras cartas de “Carlos & Mário”: fronteiras e diálogos

Milton Francisco¹

Resumo

Neste artigo analisamos as onze primeiras cartas da extensa epistolografia construída entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade de 1924 a 1945. Utilizamos os conceitos bakhtinianos de sujeito, ideologia do cotidiano, esfera ideológica e diálogo entre enunciados e entre sujeitos. Aqui, tais cartas são compreendidas como enunciados situados na fronteira da ideologia do cotidiano com as esferas sociais e na fronteira entre duas ou mais esferas (literária, educacional, acadêmica), pois nas cartas estão presentes a linguagem da literatura, da pedagogia e da crítica literária. Cartas e missivistas se situam num contexto sócio-histórico povoado de múltiplas vozes sociais, onde a relação eu-outro se evidencia. A teoria mobilizada proporciona uma leitura singular e relevante para as cartas desses escritores e poetas brasileiros, de modo a fomentar o novo *status* recentemente ocupado pela carta em geral.

Palavras-chave: Drummond e Mário de Andrade; Bakhtin; Dialogismo epistolar

Abstract

In this article I analyze the first eleven letters of the extensive epistolography built between Carlos Drummond de Andrade and Mario de Andrade from 1924 to 1945. Bakhtinian concepts are presented such as subject, everyday ideology, ideological sphere and dialogue between utterances and between subjects. Here these letters are understood as utterances on the border of everyday ideology and social spheres and on the border between two or more spheres (literary, educational, academic), because the language of literature, pedagogy and literary criticism is present in them. Letters and missives are situated in a socio-historical context of multiple social voices, where the self-other relationship is evident. The theory mobilized provides a unique and relevant reading to the letters of these Brazilian writers and poets, so that to foster the new status recently occupied by letters in general.

Keywords: Drummond and Mário de Andrade; Bakhtin; Epistolary dialogism

Introdução

Desde a década de 1990 tem crescido no Brasil o interesse acadêmico pelo discurso epistolar de intelectuais brasileiros. Os motivos são vários: exploração da biografia dos missivistas – ou *carteadores*, nomeação preferencialmente empregada, por exemplo, por Moraes (2007) –, compreensão maior de suas obras culturais, explicação

¹ UFAC - Universidade Federal do Acre. Doutorando da USP - Universidade de São Paulo. Bolsista da Capes / Prodoutoral. E-mail: miltonchico@yahoo.com.br

de parte da história brasileira sob um olhar até então oculto. A verdade é que a carta ganhou novo *status*.

Paralelamente, cresceu o interesse pelos estudos do Círculo de Bakhtin, no campo da Linguística, da Literatura, da Educação, das Ciências Sociais, da Filosofia, por exemplo.

Entendemos que, a partir do Círculo, podemos ler as cartas como enunciados situados na fronteira da ideologia do cotidiano com as esferas sociais e reconhecer os missivistas/carteadores como sujeitos carregados de valores. Desse modo, cartas e carteadores se situam num contexto sócio-histórico povoado de múltiplas vozes sociais conflitantes, onde a relação *eu–outro* é crucial.

Neste artigo, objetivamos analisar as cartas trocadas entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, utilizando os conceitos bakhtinianos de sujeito, ideologia do cotidiano, esfera ideológica e diálogo entre enunciados e entre os sujeitos.

O material a ser analisado são as onze primeiras cartas da extensa epistolografia construída entre Drummond e Mário de 1924 a 1945, ano da morte de Mário. Essas cartas – 161 no total – estão reunidas em *Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*, livro dado a público com o “nome fantasia” *Carlos & Mário* sob organização de Lélia Coelho Frota (2002) e prefácio de Silviano Santiago.²

Dentre os intelectuais brasileiros da primeira metade do século XX, Mário de Andrade é o maior carteador, tanto em quantidade e em diversidade de interlocutores, quanto em amplitude temática e em interesse para a formação da nossa cultura: música, pintura, literatura. Escreveu em 1924 Mário a Drummond: “A minha correspondência é enorme. E não deixo nada sem resposta.”

Nossa expectativa é de a teoria bakhtiniana sobre o sujeito e o enunciado proporcionar uma leitura singular e relevante para as cartas de *Carlos & Mário*. Uma leitura que fomente o novo *status* recentemente ocupado pela carta em geral.

As esferas ideológicas e o cotidiano

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, livro de 1929, Volochinov/Bakhtin chamam “a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a

² Seguindo o “nome fantasia” do livro, ao longo deste artigo fazemos referência aos dois missivistas como Carlos e Mário, preferencialmente.

expressão que a ela se liga, *ideologia do cotidiano*” (1992, p. 118). São do cotidiano: os cumprimentos diários, as conversas de corredor, as reações verbais ante os fatos do dia a dia, as expressões do discurso interior, os bilhetes afixados na geladeira, as cartas entre familiares ou amigos.

No mesmo livro, chamam os *sistemas ideológicos constituídos de esferas* (também *campo* ou *domínio*). Entre esses sistemas estão: a arte, a moral, o direito, a ciência, a religião, a educação, a esfera jornalística. As esferas são sociais, são campos da criação intelectual.

A ideologia do cotidiano e as esferas sociais não estão dissociadas. Pelo contrário, as esferas “conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano, alimentam-se de sua seiva”, pois, distantes do cotidiano, elas “morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a ideia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1992, p. 119). Um argumento nesse sentido é o de que as forças sociais e intelectuais diversas que integram as esferas “encontram sua primeira expressão e sua elaboração ideológica” (p. 120) em níveis superiores da ideologia do cotidiano.

As esferas, além disso, “cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano” e, em retorno, exercem sobre esta “uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1992, p. 119).

Essa espécie de *troca* entre as esferas e a ideologia do cotidiano é diversa. A *troca* do cotidiano com a esfera educacional, por exemplo, é diferente do que ocorre em relação à esfera literária, assim como é singular a *troca* do cotidiano com a esfera política ou religiosa. “Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata [interpreta] a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1992, p. 33).

Esferas: fronteiras e intersecções

Embora, metodologicamente, as esferas possam – e, talvez, devam – ser vistas entre si como estanques, isso é problemático, pois a vida social não é fragmentada a esse modo. A esse respeito, no texto *O problema do conteúdo, do material e da forma*

na criação literária, defende Bakhtin (1993, p. 29): “Não há território interior no domínio cultural: ele está inteiramente situado sobre fronteiras”.

Para Bakhtin, um domínio cultural – esfera, campo –

deve ser visto como vivendo sempre na intersecção de múltiplas fronteiras. E isso por que cada ponto de vista criativo (que implica sempre uma tomada de posição axiológica) torna-se necessário e indispensável somente em correlação com outros pontos de vista criativos (FARACO, 2003, p. 51-52).

As esferas, portanto, imbricam-se e têm suas fronteiras fluidas. Um fenômeno sociodiscursivo que, a nosso ver, contribui para a construção das esferas como tais é o fato de os sujeitos, carregados de valores, transitarem de uma esfera a outra, valorando e concretizando em enunciados seus dizeres, sempre seguindo as orientações de dada esfera. Nesse transitar, eles levam elementos (por exemplo, modos de dizer, de nomear, de valorar, de referir e de categorizar) de uma esfera para outra, que são readaptados à esfera acolhedora. Ao mesmo tempo, esses elementos recém-chegados alimentam, em parte, essa esfera que os acolhe.

A exemplo dos *sujeitos transeuntes*, entendemos que a obra verbal leva elementos de uma esfera para a outra, os quais, também, se submetem e se readaptam à esfera acolhedora. Nesse deslocar-se, não podemos nos esquecer, a obra perde elementos relativos à esfera inicial. Isso porque cada enunciado se compõe, sobretudo, de elementos relativos à esfera de sua criação e/ou de sua existência típica. O enunciado perde, mas, ao mesmo tempo, ganha elementos da esfera acolhedora. Reconstitui-se.

Em síntese, o *chegar* dos sujeitos e dos enunciados à nova esfera faz com que ela vá se redefinindo sócio-histórica e ideologicamente, o que nos permite asseverar que as esferas são dinâmicas e constantemente construídas, quase sempre de modo imperceptível aos sujeitos.

Esse transitar da obra verbal – ato cultural que é – tende a fortalecê-la e a revitalizá-la. “Todo ato cultural vive por essência sobre fronteiras: nisso está sua seriedade e importância; abstraído da fronteira, ele perde terreno, torna-se vazio, pretensioso, degenera e morre”. Isto é, o enunciado transita entre esferas, pertencendo a todas elas (ainda que em tempos distintos, como ocorre com as cartas de *Carlos & Mário*, como veremos), e, assim, localiza-se nas suas fronteiras. Apesar disso, tendemos a compreender determinada obra verbo-cultural como pertencente a uma esfera

específica, utilizando de critérios facilitadores à clareza, válidos tanto para os falantes e grupos sociais quanto para o analista.

Diálogo entre enunciados

Para os membros do Círculo é forte o conceito de *diálogo*: temos uma teoria dialógica da linguagem. Um dos sentidos dado ao termo é o de comunicação face a face, da conversa em voz alta, da conversa ao telefone. Esse tipo de diálogo, em princípio, pertence ao cotidiano e se realiza entre dois sujeitos/falantes, mas pode ser incorporado à fala ou à escrita de uma esfera ideológica, por exemplo, ao romance, ao conto, aos autos de um processo judicial, à reportagem jornalística.

Volochinov/Bakhtin (1992, p. 123) ampliam-no: “pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ [...] toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”, do que podemos inferir: diálogo é também relação entre enunciados escritos e seus autores – entendimento pertinente para nós aqui.

Na vida social, de forma ininterrupta, todo enunciado “é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1992, p. 123). Desse modo, o enunciado dialoga com outros da mesma esfera ideológica ou com outros de esferas distintas. Tal diálogo, portanto, ocorre (ao menos parcialmente) sobre múltiplas fronteiras – o que reitera nossa exposição anterior.

O diálogo entre enunciados – sempre ideológicos – tem como base as vozes e posições axiológicas dos sujeitos. “Todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto” (FARACO, 2003, p. 25).

Na perspectiva linguístico-dialógica do Círculo, a vida se compõe de atitudes avaliativas. Viver é assumir valores e expressá-los verbalmente, em face dos tantos enunciados que povoam nosso meio. Viver é fazer emergir uma atitude responsiva, em forma de enunciado, singular e irrepetível (BAKHTIN, 2010b, p. 298-300).

O sujeito e o *outro*

A relação do sujeito com o *outro* é mais do que usar palavras alheias, dar-lhe resposta ou assumir atitudes responsivas, como talvez pareça à primeira vista. Na verdade, tal relação é visceral. O *outro* integra o *eu*, o falante, o sujeito, o carteador. “Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem território interior soberano, ele está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*” (BAKHTIN, 2010a, p. 323).

O interior do sujeito é povoado pelos valores do *outro* – o que significa que as posições axiológicas do sujeito têm origem no seu constante *estar na fronteira* com o (e do) *outro*. Isso será, em parte, revelado na materialização linguística dos enunciados, compondo, assim, o estilo. O *olhar para mim* ofertado pelo *outro* habita os enunciados do *eu*. Noutras palavras, acerca do discurso epistolar, como bem observa Bouvet (2006, p. 82), cada carta é “uma oscilação entre o discurso próprio e o discurso do outro que elabora o próprio”.

Não negamos, contudo, a individualidade do sujeito. A respeito disso, a partir dos estudos do Círculo, Faraco e Negri (1998, p. 168) formulam “um entendimento da pessoa humana na perspectiva de suas relações sociais e como um ente interiormente múltiplo e heterogêneo”, mas mantendo “um espaço teórico significativo para a individualidade”. Assim entendido, o sujeito/falante, na interação pulsante com tantas vozes sociais, pode individualizar-se, como também individualizar o seu discurso.

Mergulhado no mundo do *outro* e inserido numa esfera específica, o sujeito, a seu modo, assume atitudes responsivo-axiológicas e individualiza-se em enunciados. Ele surge, assim, do emaranhado de vozes sociais faladas nos enunciados alheios: esse mundo do *outro* é o mundo fundante do sujeito, onde se insere e de onde “sai” com seu enunciado individualizado, axiológico sempre.

Podemos conhecer determinado sujeito ao nos determos nos enunciados – povoados de valores e de vozes conflitantes – que ele produz e de que participa. É aí que ele se mostra: individual, dialógico, ideológico, social, histórico.

A carta sobre fronteiras

Tipicamente, a carta é um enunciado da ideologia do cotidiano – se assemelha ao bilhete e ao bate papo / conversa, se podemos aqui aproximar a escrita da fala –, embora, muitas vezes, ela faça parte de um romance ou dos autos de um processo

judicial, por exemplo. Isso a coloca na fronteira da ideologia do cotidiano com uma das esferas sociais.

Além disso, tal como os demais tipos de enunciados, a carta tem seus limites “definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes” (BAKHTIN, 2010b, p. 275). Aliás, de forma bastante evidente: *remetente* e *destinatário*. Mas, não só, pois eles atuam mutuamente a cada carta. O *destinatário*, por exemplo, influencia na escolha dos recursos linguísticos, “traz” para a escritura epistolar provocações várias, que, somadas ao(s) assunto(s), podem resultar no discurso literário e poético, ainda que a carta não vá pertencer à esfera literária.

Seguindo esse raciocínio, concordamos com Angelides (2001, p. 23-24):

O próprio caráter espontâneo e fragmentário, a alternância da linguagem poética e não-poética, os clichês, tudo isto é inerente ao gênero epistolar. A passagem da simples comunicação não-literária para a linguagem literária, e vice-versa, confere à carta um aspecto particular, misto de documento informativo e texto literário.

Nesse sentido, lembremos o estudo sobre o epistológrafo Mário de Andrade empreendido pelo professor e pesquisador Marcos A. de Moraes (2007, p. 70): “Ao aludir, na carta a Drummond, ao ‘estilo epistolar’, Mário tocava no cerne da epistolografia enquanto gênero, ou seja, trazia a discussão sobre a tênue fronteira entre o prosaico e o literário peculiar à epistolografia”.

Noutro momento, Moraes (2007, p. 113) coloca-nos na fronteira da crítica literária:

Mário faz explodir as linhas que separam a carta e a crítica, criando um discurso epistolar híbrido que se abre para acolher juízos interpretativos. Assim, o crítico/epistológrafo busca conhecer as etapas da criação e o construir do texto em todas as perspectivas, [...].

Outro interesse de Mário apontado por Moraes (2007, p. 221) é o da pedagogia – é o *outro* ativo, agindo na escrita do *eu*:

O papel de educador empenhado presentifica-se de forma eficaz no desenrolar do diálogo epistolográfico. O comércio de ideias em torno de produção literária transita mais comumente das indagações do principiante para a experiência do veterano, sob a forma de um processo de aprendizagem.

Tudo indica, portanto, que a carta pode ganhar a linguagem poética (estar na fronteira da esfera literária), pode estar carregada de conselhos que beiram o discurso

pedagógico (da esfera educacional) ou o discurso crítico (da esfera acadêmica). Essa fluidez ocorre porque o assunto, o contexto situacional e o *outro* provocam no *remetente* uma posição axiológica desencadeadora dessa linguagem. Assim, diríamos que a literariedade, a pedagogia e a crítica literária presentes nas cartas dizem respeito às posições axiológicas dos carteadores.

O contexto das primeiras cartas

É necessário pensarmos o contexto sócio-histórico do diálogo epistolar de *Carlos & Mário*, pois – além de ser para nós uma regra não poder pensar qualquer enunciado ignorando seu contexto –, na teoria bakhtiniana da linguagem, o espaço e o tempo (onde e quando), juntamente com a atitude avaliativa dos sujeitos, são elementos contextuais determinantes na compreensão do enunciado. Ou seja, o que vai determinar o sentido do enunciado não é sua parte verbal, as formas linguísticas, mas sim a parte extraverbal, a situação contextual: o espaço, o tempo, a atitude avaliativa dos interlocutores.

E mais, “os contextos possíveis de uma única e mesma palavra são frequentemente opostos” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1992, p. 107). Eles não estabelecem entre si uma relação pacífica; pelo contrário, “encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto”, o que tende um contexto – com seu sentido correspondente – a se sobreporem aos demais contextos. Isso nos alerta sobre como ler hoje as cartas de *Carlos & Mário*, escritas de 1924 a 1945.

Como analisaremos as onze primeiras cartas (de outubro de 1924 a maio de 1925), interessa-nos esse contexto primeiro da relação intelectual entre ambos os escritores e poetas.

Os anos eram pós *Semana de 1922*, quando Mário, ao lado de seus companheiros, proclamara o ideário modernista: nova ideologia e nova posição axiológica para a arte brasileira. Na avaliação de Moraes (2007, p. 128), “a conversação realizada pela correspondência de Mário fundamentava a propagação do ideário modernista, bem como dos movimentos culturais e políticos que, de certo modo, foram por ele sustentados.”

Ao prefaciar *Carlos & Mário*, Silviano Santiago (2002, p. 16), de olho na São Paulo, nas Minas Gerais e no Rio de Janeiro de então, sintetiza:

As novas ideias sobre a brasilidade ganham peso e sentido histórico em tripés: metrópole (São Paulo), monumento (cidade histórica) e revolução (tenentismo); festa pagã (Carnaval), solenidade religiosa (Semana Santa) e manifestações públicas (comícios e rebeldias). Vanguarda europeia, tradição nacional e novos programas políticos; futurismo, modernismo e tenentismo; arrogância, humildade e armas; cosmopolitismo, nacionalismo e regionalismo.

É no conflito das vozes desses tripés que, em princípio, Mário funda sua concepção de *abrasileiramento* do Brasil (embora tal assertiva careça ser examinada detidamente). “Abrasileirar o Brasil, referir ao presente o passado nacional, significa, em primeiro lugar, entrar em terreno minado, onde o inimigo é o eurocentrismo machadiano, na sua forma veladamente racista, que é a defendida por unhas e dentes por Graça Aranha nos anos 20” (SANTIAGO, 2002, p. 19).

De forma complementar, numa visada pragmática, esclarece Moraes (2007, p. 136): *abrasileirar-se* significa que “o Brasil deveria encontrar meios culturais que o distinguíssem de outros países”, construindo uma identidade brasileira singular, e, por esses meios, tornar sua arte universal, o que implicaria descolar-se do eurocentrismo influente e direcionador da cultura brasileira de então.

Ao encontro do diálogo epistolar como análise.

Os carteadores e as cartas: análise sociológica

Na **carta 1**³, Carlos, sabendo para quem escreve e querendo com Mário dialogar longamente, busca envolvê-lo para fins de aproximação intelectual: dá o *chute inicial* de intensa epistolografia. Atenta Carlos, antecipando a voz de Mário: “mando-lhe um artigo meu [...]. Dois méritos: é curto e ‘fala mal’ do senhor Anatole France.” O poeta e crítico francês Anatole France era quem, predominantemente, *formava* a consciência literária brasileira nas primeiras décadas do século XX – formação aderida por Carlos (embora “necessitasse” falar mal) e combatida por Mário, como veremos adiante.

O desejo de Carlos é atendido. Na **carta 2**⁴, sobre o artigo recebido, Mário avalia:

³ Carlos a Mário. Belo Horizonte, 28 outubro 1924. A numeração aqui dada às cartas corresponde à numeração atribuída em *Carlos & Mário*.

⁴ Mário a Carlos. São Paulo, 10 novembro 1924.

Está muito bom. Mas nele ressalta bem o que falta em você – espírito de mocidade brasileira. [...] Você é uma sólida inteligência e já muito bem mobiliada... à francesa.

Mário, já nesta carta inicial, age em prol da cultura brasileira, pratica a pedagogia. É a explicitude de suas posições axiológicas, contextualizadas.

Sua crítica não é vista de toda boa por Carlos, que manifestaria na **carta 3**⁵:

me encheu de alegria, embora não concorde com muitas coisas que você aí deixou. Mas o prazer é o mesmo, com ou sem discussão. [...] Reconheço alguns defeitos que aponta no meu espírito.

Carlos vê em Mário o mentor e defensor de um fazer poético brasileiro:

Você veio dar, com seus poemas de um ritmo largo e desabusado, uma espantosa liberdade aos nossos poetas. Quer agora que eles marchem por si mesmos, que avancem, [...].

Mostrando-se pró ao nacionalismo⁶, mas sem se desvencilhar da *formação francesa*, na mesma carta, Carlos mostra os próprios valores ao avaliar negativamente nossa literatura e sua condição de brasileiro:

acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados. [...] É que nasci em Minas, quando deveria nascer (não veja cabotismo nesta confissão, peço-lhe!) em Paris. [...]. Sabe de uma coisa? Acho o Brasil infecto. Perdoe o desabafo, [...]

Implicitamente, Carlos revela sua condição interior e intelectual, sobre a qual observa Santiago (2002, p. 21): “Carlos é um naufrago no mar da vida, que emite pedidos de socorro, não a todo e qualquer, mas àquele que merece amizade e seja capaz de prestar auxílio”.

Com os verbos “não veja” e “peço-lhe” (entre os parênteses), com a pergunta retórica “Sabe de uma coisa?” e com o pedido de perdão, “Perdoe o desabafo”, Carlos aproxima-se do destinatário, reconhecendo de antemão os possíveis contra-argumentos e *correções de vida* a virem do *outro*. Já aguarda os bem prováveis valores contrários e otimistas de Mário.

Em resposta à atitude avaliativa do *naufrago* Carlos – moço e, em potencial, amigo e intelectual –, Mário (vendo-se no *outro* e vendo no *outro* a receptividade do

⁵ Carlos a Mário. Belo Horizonte, 22 novembro 1924.

⁶ Dois signos ideológicos centrais e recorrentes nas cartas de *Carlos & Mário* são “raça” e “nacionalismo”, os quais devem ser lidos hoje e aqui sem a conotação negativa adquirida em decorrência da Segunda Guerra Mundial.

ideário modernista, do *ser brasileiro*) escreve na **carta 4**⁷, em referência a Anatole France:

O mal que esse homem fez a você foi torná-lo cheio de literatices, cheio de inteligentices, abstrações em letras de fôrma, sabedoria de papel, filosofia escrita: nada prático, nada relativo ao mundo, à vida, à natureza, ao homem.

Carlos, na **carta 5**⁸, iria advertir: “Confesso-me francês, porém não anatóliano.”

Ainda na **carta 4**, Mário professor segue sua argumentação rumo ao *abrasileirar-se*, agindo pedagogicamente:

Ninguém que seja verdadeiramente, isto é, viva, se relacione com o seu passado, com as suas necessidades imediatas práticas e espirituais, se relacione com o meio e com a terra, com a família etc., ninguém que seja verdadeiramente, deixará de ser nacional. [...] E agora reflita bem no que eu cantei no final do “Noturno”⁹ e você compreenderá a grandeza desse nacionalismo universalista que eu prego. De que maneira nós podemos concorrer pra grandeza da humanidade? É sendo franceses ou alemães? [...] E então seremos universais, porque nacionais. [...] Você faça um esforcinho pra *abrasileirar-se*.

Mário sabe da guinada a ser dada por Carlos, por isso isenta-o de qualquer mudança radical. Isso é empatia. É, na construção do enunciado, ser o *outro*. É a veia de professor em ação, espontânea e sutil, para ser eficaz. Para tanto, Mário usa perguntas retóricas, expressões e tom coloquial. Aí, as condições do *destinatário* determinam a escrita.

Na **carta 5**, Carlos se mostra envolvido na construção do *ser nacional*:

Entendo por nacionalista: ter princípios; fazer estatutos sobre o amor da pátria, etc. E como é bom ser brasileiro! [...] Ser. Mas ser tudo. Não somente brasileiro. [...] Agora, de pleno acordo com você: “É preciso desprimitivar o país, acentuar a tradição, prolongá-la, engrandecê-la”.

Na **carta 6**¹⁰, Carlos conta o que Mário mais queria ouvir do jovem poeta de Minas, ainda que lhe causasse ceticismo: “Sou hoje brasileiro confesso. E graças a você,

⁷ Mário a Carlos. Sem data.

⁸ Carlos a Mário. Belo Horizonte, 30 de dezembro 1924.

⁹ Poema “Noturno de Belo Horizonte”, escrito por Mário ao chegar a São Paulo da viagem a Minas Gerais em abril de 1924. Nesse poema “pode-se apreciar em especial a construção de uma imagem mítica de Minas Gerais, descendente e fruto paulista, concebida como o epítome símbolo da nação” (Pinto, 2001, p. 449). O poema integra *Clã do Jabuti* (1927), livro no qual “Mário de Andrade assume [mais do que em obras anteriores] uma tônica de compor símbolos e representações nacionais, fortalecidos pelo aliciente sentido rítmico e a musicalidade vernacular dos seus versos” (Pinto, 2001, p. 449).

¹⁰ Carlos a Mário. Belo Horizonte, janeiro 1925.

meu caro!” E, na **carta 8**¹¹, Carlos reitera, em linguagem literário-poética, a motivação do novo poeta que é:

Pois veio o imprevisto e me expulsou do jardim. Você, com duas ou três cartas valentes acabou o milagre. Converteu-me à terra. Creio agora que, sendo o mesmo, sou outro pela visão menos escura e mais amorosa das coisas que me rodeiam.

Prossegue Carlos, em tom autocrítico:

Quando penso que também eu andei a esmo pelos jardins passadistas, colhendo e cheirando flores gramaticais, e bancando atitudes de sabedoria!

Percebemos nesse fragmento tanto a voz implícita dos poetas parnasianos – donos de rigor e purismo gramatical na poesia – quanto a voz concorrente nos anos 1920 de crítica e de ironia a esses poetas e a seu fazer poético. Carlos, com ironia, mostra sua posição axiológica.

Ainda na **carta 8**, quase tal como Mário, Carlos já advoga a favor do *abrasileiramento*. Propõe a Mário *abrasileirar* também Emílio Moura, o igual jovem poeta mineiro que Carlos lhe apresenta na carta. É o discurso pedagógico ecoando em Carlos como docência a distância.

Retomando a reflexão de Carlos (**carta 5**), Mário, polidamente, reafirma sua voz na **carta 9**¹²:

Concordo com você. É possível *ser* sem ser nacional. Só que eu botei uma significação toda especial no meu verbo *ser*. Ser pra mim é também representar, e não tem um só figura de artista no mundo histórico que sendo representativa não seja nacional.

Na **carta 10**¹³, com ecos do *abrasileirar-se* de Mário, Carlos faz crítica literária com *a própria voz* sobre os versos do poeta paulista:

Aprendendo a sentir brasileiro, você já começou a escrever brasileiro. Condiçãoou-se ao meio físico e moral. Nem por isso perdeu a preocupação estética, visível e borbulhante nos seus poemas. [...] Falo no “Noturno de Belo Horizonte”, em que a preocupação estética dá vida à paisagem e anima as figuras de um modo que o só amor da pátria não saberia manter.

¹¹ Carlos a Mário. Belo Horizonte, 6 fevereiro 1925.

¹² Mário a Carlos. São Paulo, 18 fevereiro 1925.

¹³ Carlos a Mário. Belo Horizonte, março 1925.

Na **carta 11**¹⁴, Mário deixa claro que, para ambos os interlocutores, a relação *eu–outro* os modifica espiritual e intelectualmente:

Agora raciocinemos no que você fala de minha influência sobre você. Em última análise tudo é influência neste mundo. [...] “Sinto que o meu copo é grande demais e ainda bebo no copo dos outros”. Não tem dúvida que você faz coisa da mesma categoria que a minha.

Em parte subsequente da mesma carta, em que Mário faz referência ao *eu* aprendiz face às palavras do *outro*, surge a linguagem literário-poética:

pros mais amigos me conto. [...] Sou o aluno Mário que também aprendo. [...] As almas são árvores. De vez em quando uma folha da minha vai avoando poisar nas raízes da de você. Que sirva de adubo generoso. Com as folhas da sua, lhe garanto que cresço também.

A exemplo dessa linguagem, Mário usara na **carta 4** a metáfora “As raças são acordes musicais”, além de expressões coloquiais (“esforcinho pra”). São marcas típicas das cartas dos dois amigos, assim como constituintes da literatura defendida por Mário. Esse uso – de recursos linguísticos típicos de gêneros da esfera literária – dá à carta um aspecto e carga de literariedade, colocando-a sobre fronteiras.

Até aqui vimos, sobretudo, como o ideário modernista aparece progressivamente nas cartas de *Carlos & Mário* e a guinada sofrida pela consciência de Carlos. A seguir, veremos, mais do que percebemos até agora, a materialização linguística desse ideário e, também, do fazer poético correspondente. Evidencia-se a aplicação por Mário de sua pedagogia e crítica literária.

Junto à **carta 3**, Carlos havia enviado a Mário *alguns versos*, sobre os quais Carlos manifestara: “Quero ter sobre eles a sua nobre e autorizada opinião.”

Mário, então, na **carta 4**, aplica sua pedagogia e crítica literária:

Gostei francamente, embora a sua prosa por enquanto seja mais segura que os seus versos. No entanto a prosa é mais difícil que a poesia. [...] há poemas excelentes e muita coisa boa. Mas como você ainda está muito inteligente de cabeça pra cair no lirismo, repare que há muita coisa que é contado com memória em vez de vivido com sensação evocada.

Mário segue avaliando:

O “Orozimbo” é simplesmente admirável. “Construção” como forma é perfeito. No “Orozimbo” a piada do fim, não sei, não gosto muito disso. Tenho a impressão de que você escreveu aquilo só pra acabar.

¹⁴ Mário a Carlos. Sem data.

Na **carta 5**, Carlos, em contrapartida, avalia os reparos recebidos, inclusive sobre o uso da *língua vulgar*:

“O poeta chega na estação” Você gostou da regência... Pois eu não gostei, e agora que peguei o erro, vou emendá-lo. Isto é modo de ver pessoalíssimo: correção ou incorreção gramatical. Sou pela correção. Ainda não posso compreender os seus curiosos excessos. Aceitar tudo o que nos vem do povo é uma tolice que nos leva ao regionalismo. [...] Há erros lindos, eu sei. Mas que diabo, a cultura!... E poesia é também cultura.

Em seguida, na mesma carta, assume de vez o fazer poético a quatro mãos:

E agora, peço-lhe catar as pulgas dos versos novos. Não achando bom, risque; não achando perfeito, corrija. Eu ficarei grato. Até hoje não encontrei em nenhum homem de letras franqueza igual à sua.

Na **carta 9**, Mário aplica ao poeta ainda estudante de Farmácia a crítica literária e seu fazer poético sobre os versos chegados de Minas junto da **carta 5**, além de sua pedagogia:

Gosto do coxeando, tão nosso, [...] talvez se um outro verso descritivo ou subjetivo encompridasse a frase o poema ficava com o fim mais final. Por exemplo: e lá vai toda curvada, coxeando,/ coxeando pela rua Pará [...] procure evitar o mais possível os artigos tanto definidos como indefinidos. Não só porque evita galicismo e está mais dentro das línguas hispânicas como porque dá mais rapidez e força incisiva pra frase. [...] mando o poema [...] Veja se não fica melhor como rapidez e energia.

Vemos, Mário mostra que o seu ideário modernista e o *abrasileirar-se* devem materializar-se na escritura da obra literária. Esse ideário só poderia se constituir na materialização linguística. Aliás, tal princípio é compartilhado por Carlos, apesar da sua “dificuldade” em implementar em sua poesia (e em sua vida) tal proposta.

Na **carta 10**, Carlos expõe sua atitude avaliativa sobre a crítica recebida de Mário:

Quanto ao “Orozimbo”, [...] acho melhor que leve o seguinte final, em vez do que tinha antes, e de que você não gostou. Orozimbo / é a pessoa mais importante do arrabalde... / E eu gosto profundamente de Orozimbo. Não é melhor? Diga se acha. [...] Fica assim o verso: “acha uma muleta aqui, outra mais adiante”, como você sugeriu. Também acrescento o final: “Coxeando pela rua Pará”. Apenas acho melhor transformar essa rua Pará em rua Goiás; tem o mesmo efeito, é uma rua central de Belo Horizonte, [...] Com um pouco mais de reflexão torno a

pôr “chega na estação”. [...] acompanho com interesse as suas pesquisas e tentativas no sentido de “estilizar o brasileiro vulgar”; não me meto nelas porque, para mim, ainda é cedo.

O *brasileiro vulgar* que Carlos conhece, mas não sabe ainda manejar na poesia, é a voz do povo brasileiro na sua diversidade linguístico-comunicativa. Valorizá-la e incorporá-la à estética poética e ficcional é, em grande medida, um ato de *abrasileiramento*.

Ainda na **carta 10**, Carlos – como *afirmação* de que, em termos bakhtinianos, o homem não tem território soberano e de que o interior do *eu* é habitado, também, por valores do *outro* – volta a pedir conselhos a Mário:

como gosto de seu julgamento, mando-lhe o que já fiz. O limitado número de certezas, que já armazenei, contrasta com o infinito de indecisões e dúvidas que persistem no meu porão espiritual. Seja franco ainda uma vez comigo, e diga-me se devo ou não rasgar esses versos.

Na **carta 11**, Mário opina sobre os novos versos vindos de Minas:

“Música” é uma gostosura. Você carece mudar aquele “nos passos que era preciso correr” clássico demais. E bote “meus cuidados avoaram que nem borboletas”. Talvez “cuidados” seja palavra que você possa mudar por outra menos lugar-comum poético.

“Sou-lhe grato”, manifestara Carlos a Mário na **carta 10**, “pelo benefício intelectual que veio de sua convivência.” É gratidão pelo *abrasileiramento* e pelo fazer poético a quatro mãos, fundado fortemente na pedagogia e na crítica de Mário. Isso mostra o *outro* (Mário) e suas posições ideológicas como integrante do *eu* (Carlos).

Considerações

Pelas diferentes características identificadas, tais cartas tendem a fugir da ideologia do cotidiano até mesmo quando de sua produção. Sem dúvida, Carlos e Mário sabiam do discurso híbrido que juntos construíam. A análise nos mostra que ambos empregam com intensidade a linguagem da literatura: quer usando recursos linguísticos típicos da poesia, quer inserindo na carta versos em construção (juntos, a distância, buscam construir, aos olhos de ambos, *a melhor poesia*). De modo semelhante, exercem a crítica literária e a pedagogia. Isso significa que tais cartas têm forte ligação com as

esferas artístico-literária, acadêmica (como campo da crítica) e educacional (campo do ensino).

As cartas analisadas, por inteiro ou em parte, portanto, se situam sobre a fronteira da ideologia do cotidiano com cada uma dessas esferas e, ao mesmo tempo, se situam sobre fronteiras diversas entre esferas, visto que as linguagens de tais esferas se mostram nas cartas interdependentes e complementares. Tais cartas não pertencem a uma esfera exclusiva, ainda que – diante de sua publicação em livro e, principalmente, pelo fato de se vincularem (ou de as lermos como tais, no meio acadêmico ou não) às obras literárias de Carlos ou de Mário – sejamos provocados a classificá-las como pertencentes à esfera artístico-literária.

Ao mesmo tempo, sobre tais fronteiras se situam ambos os carteadores, *transeuntes* entre esferas e entre as esferas e a ideologia do cotidiano.

Também, percebemos que a construção de versos (produção discursiva típica da esfera literária) a quatro mãos (via pedagogia ou via crítica) está a serviço do ideário modernista defendido por Mário e compartilhado por Carlos.

Trata-se de um ideário que implica as concepções de *nacionalismo* e *abrasileiramento*, e, por conseguinte, diz respeito a importantes questões político-culturais de então. Isso nos direciona para uma questão tão relevante quanto as que ocuparam nossa reflexão. Há fortes indícios de que ambos os carteadores e suas cartas transitem, em certa medida, para a esfera política. Nesse sentido, seu discurso epistolar dialoga também com ideias, posições, argumentos, assuntos considerados típicos da esfera política e, direta ou indiretamente, carrega *vozes dessa esfera*. Assim, postulamos aqui: além das fronteiras apontadas anteriormente, são ocupadas as fronteiras da esfera política com a ideologia do cotidiano e dessa esfera com as esferas artístico-literária, acadêmica e educacional.

Acerca da consciência social do *outro*, ao longo das cartas, a consciência de Carlos e, em menor grau, a de Mário modificam-se. Isso ilustra fortemente uma das *palavras-chave* do Círculo de Bakhtin: o *eu* se constitui face ao *outro*, o *outro* é integrante da consciência do *eu*, sempre pelo diálogo, que seja à distância. Isso evidencia a carta como produção discursiva de integração *eu-outro* e provocadora de mudanças na individualidade e na intelectualidade dos carteadores. Nesse processo, a nosso ver, pedagogia e crítica figuram de forma preponderante.

A mudança por que passam Carlos e Mário, em parte, revela para nós os sujeitos históricos que são. A escrita de *um* ecoa no *outro*, fazendo-o pensar sobre si, sobre o próprio contexto, sobre a esfera em que se situa, sobre o próprio fazer poético. A visão de *um* sobre si – ao compor a carta e ao chegar ao destinatário por meio da carta – ecoa no *outro*, modificando-o, tanto em relação a si (à própria vida e a seu meio social) quanto em relação ao *outro*.

Essa modificação do *outro*, porém, não ocorre apenas pela escrita do remetente, pois o remetente lança mão, também, de *outros* alheios a essa epistolografia, de outras vozes sociais – aspeadas ou não-aspeadas, em termos bakhtinianos –, como ocorre na carta 8 em relação aos poetas parnasianos. Ou seja, esses *outros alheios* também compõem a consciência social de ambos os carteiros.

Desse modo, a relação *eu–outro* não é apenas entre Carlos e Mário. Ela é muito mais ampla, é de ambos com a *humanidade* e, sobretudo, com os valores relativos à *nacionalidade*, ao *abrasileiramento* e ao *ideário modernista* defendidos por Mário. Somente nessa *relação ampla* – na perspectiva de Mário e na dos membros do Círculo de Bakhtin – o *ser* pode constituir-se por completo, uno e irrepitível. E mais, *ser em relação à humanidade* é estar constantemente em fronteiras: entre esferas, entre ideologias, entre valores, entre enunciados, entre diferentes vozes, entre *eu* e os *outros*. *Ser* é ser no encontro com os *outros*.

À guisa de conclusão, destacamos dois pontos. Primeiro, o entendimento exposto aqui nos parece necessário à leitura a se fazer hoje das cartas de *Carlos & Mário*. Segundo, o olhar singular proporcionado pelos estudos bakhtinianos fomenta o *status* atualmente atribuído à carta.

Agradecimento

Artigo apresentado ao final da disciplina *Gêneros discursivos: o projeto do Círculo de Bakhtin e suas perspectivas contemporâneas* do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da USP - Universidade de São Paulo, ministrada em 2012 pela profa. Dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo, a quem agradeço pela leitura e apontamentos. Os equívocos que insistem em permanecer são todos meus.

Referências

Revista Leitura V.1 nº 55 – jan/jun 2015 – Número temático: Estudos em perspectivas dialógicas. Bakhtin e as primeiras cartas de “Carlos & Mário”: fronteiras e diálogos Milton Francisco. – p. 163 – 180.

ANGELIDES, Sophia. **Carta e literatura**: correspondência entre Tchékhov e Górkí. São Paulo: Edusp, 2001.

BAKHTIN, Mikhail M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: UNESP / Hucitec, 1993, p. 13-70.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b, p. 261-306.

BOUVET, Nora. **La escritura epistolar**. Buenos Aires: Eudeba, 2006.

FARACO, Carlos A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.

_____; NEGRI, Lígia. O falante: que bicho é esse, afinal? **Revista Letras**, n. 49, p. 159-170, 1998. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/18995>>. Acesso em 20.jun.2012.

FROTA, Lélia C. (Org.). **Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

MORAES, Marcos A. de. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: Edusp / Fapesp, 2007.

PINTO, Maria Inez M. B. Urbes industrializada: o modernismo e a pauliceia como ícone da brasilidade. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 42, p. 435-455. 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n42/a09v2142.pdf>>. Acesso em 20.jun.2014.

SANTIAGO, Silviano. Prefácio. In: FROTA, Lélia C. (Org.). **Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

VOLOCHINOV, Valentin N. / BAKHTIN, Mikhail M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.